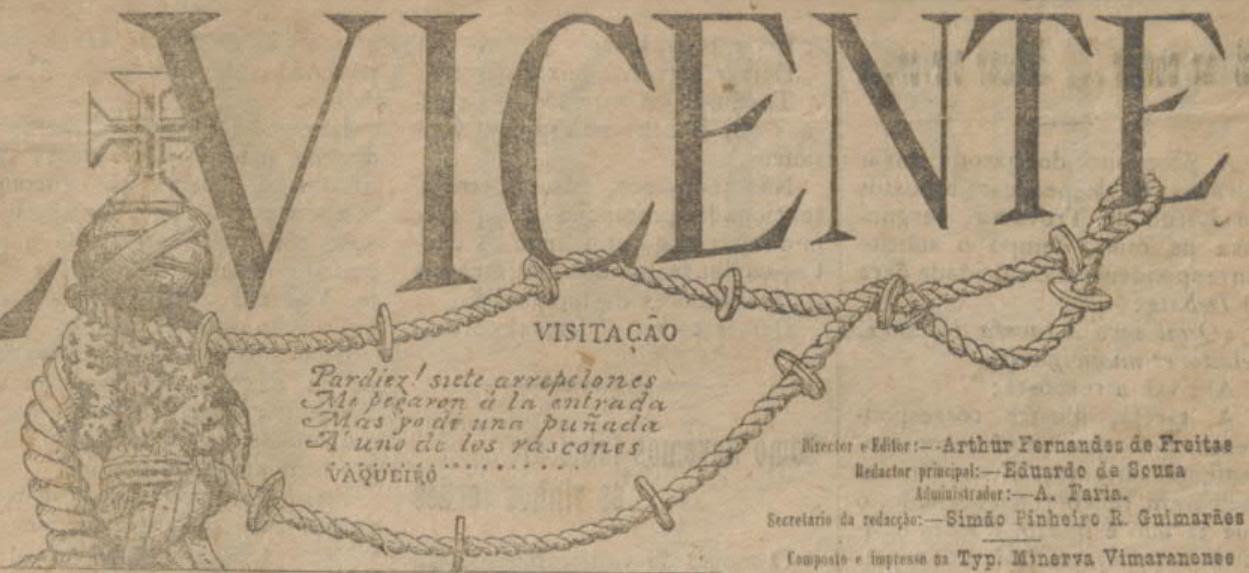




# GIL VICENTE

Semanario defensor dos interesses locais  
(Humorístico, litterario e Noticias)  
Propriedade da Empresa "Gil Vicente",  
Redacção e Administração:  
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



Paridez! siete arrepeiones  
Al peccaron a la entrada  
Mas yo de una puñada  
A uno de los rascones  
VAQUEIRO

Director e Editor: — Arthur Fernandes de Freitas  
Redactor principal: — Eduardo de Souza  
Administrador: — A. Faria.  
Secretario da redacção: — Simão Pinheiro R. Guimarães  
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaraneese

## RESPOSTA TARDIA...

O nosso jornal por vezes tem sido censurado pela atitude tomada deante d'alguns acontecimentos que não paiz se tem dado. Temos sido acusado, nós que nestas colunas escrevemos, de fazer politica e desviar portanto do caminho a principio seguido, este semanario ao qual votamos tanto affecto hoje e sempre. Essas censuras têm sido feitas nas paginas dos nossos colegas locais, por quem não compreende, porque a cabeça lhe não chega para mais, o que seja um semanario independente.

Para jornalistas, como os nossos criticos, este jornal seria otimo na independencia se pensasse como eles, sempre dispostos a dizer bem e a achar bem feito tudo o que traga a marca verde-rubra e a criticar com acrimonia tudo o que não seja desta cor. Para eles o que é feito pelos que mandam é um evangelho; mas se isso o é por alguém que não é liberal — como eles dizem — é pessimo, assim, sem tirar nem pôr: escravos duma ideia que não entendem.

E esta falta de comprehensão não teria consequencias de maior se todos se compenetrassem do que são e do que valem. Mas infelizmente não acontece assim. Em Guimarães, quem não sabe conjugar um verbo é um jornalista, e desta deslocação em que tudo e todos se encontram necessariamente provem disparate. E' isto o que tem sido feito.

O nosso jornal criticando quem manda, por não saber resolver a greve ferro-viaria, que devido á incompetencia do governo lisboeta se ia tornando cronica, nem por isso deixou de ser independente. Se elogiasse o governo como muita gente fez é que seria servil.

Não podemos nem alguém poder aplaudir aqueles desinteressados empregados do Ministerio dos Abastecimentos que praticaram roubos de tal ordem que o Pinhal da Azambuja e a Falperra nada sam em questões de latrocinio-comparadas com aquella ministério que honra o regime. Rouba, ram a bagatela de dez mil contos. Uma insignificancia! O nosso jornal não pode aplaudir o gesto desses modelares funcionarios não obstante todos eles possuirem atestados de bom republicanismo.

Verdade seja que consoante disse o inspector hoje suspenso, Gonzaga dos Anjos, uma grande parte desses funcionarios foi recrutado no Limoeiro, facto este que já nos põe de sobreaviso a respeito desses amigos do alheio; mas falando com franqueza, isso prova alguma coisa contra quem devendo ter escrupulo na escolha de tal gente, o não teve.

Não aplaudimos porque não devemos e tambem nos não calamos, porque quem cala consente, e nós não obstante pertencermos ao numero dos homens atrazados não queremos guardar silencio sobre factos, onde ele possa ser tomado á conta de convivencia ou pelo menos de aprovação.

E' natural que os jornalistas velhos nos chamem artigoleiro monarchico e de mais a mais bifronte, por censurarmos abusos e roubos praticados nas barbas do governo alfacinha, mas nem por isso deixaremos de comer nem de ter vontade de continuar sempre nos mesmos desejos de critica.

Não podemos dizer á gente que domina que tem procedido bem, no que toca a subsistencias, porque todos os dias aparecem toneladas e toneladas de generos estragados, e o governo não impediu que eles se deteriorassem por causa da ganancia do patife açambarcador. E o resultado de tudo isso é a fome e a miseria e o desespero que vai por esse paiz em fora!

Mas digamos tudo para honra da republica; o deputado Paes Rovisco acusou no Parlamento o ministro do comercio de conivente numa falcatura qualquer e disto concluímos para o mais, isto é, que no que respeita a subsistencias pode ser que se dê o mesmo que se deu naquela decantada questão das quedas de Rodam, que o deputado C. Rodrigues denunciou na arena de S. Bento ha anos já.

Não podemos de maneira nenhuma deixar de protestar contra os maus tratos infligidos aos presos monarchicos espancados e mortos a tiro numa epoca de... liberdade, e nem por isso alguém pode dizer que o nosso jornal não é já independente.

Pelo contrario seria dependente se se calasse deante das atrocidades praticadas por esse carasco do Funchal que dá pelo nome de Veiga, contra os presos que lhe caíram debaixo da alçada no tempo em que era ministro o illustre filho... de Braga.

Seria dependente se guardasse silencio, quando por toda a parte paira o terror e a perseguição, contra aqueles que se não veigam.

Seria dependente se applaudisse o que se está fazendo aos funcionarios publicos, privando-os dos seus logares, por serem monarchicos.

Seria dependente se não prestasse ouvidos ás queixas dos que passam e morrem de fome, porque a republica lhes tirou o pão.

Seria dependente, se não protestasse alto e bom som contra as prepotencias de que estão sendo victimas os não demagogos que tem de optar ou pela republica ou pelo logar, e isto á ordem de qualquer regedor analfabeto.

Seria dependente se não gritasse contra o mau rumo que as coisas tomam. Então sim, seria dependente. No mais não o é. E' independente e a valer.

Critica o que é digno de censura. Aplauda o que deve aplaudir-se. Não fez escritura a ninguém do seu modo de pensar. E o tal artigoleiro que continua de saúde e tem um só caracter e uma só fé, tambem não vende a sua pena, muito embora um tamanqueiro no jornalismo lhe dê de quando em vez uma guardasolada, quere dizer, um coice.

## A feira de Guimarães

(Minho)

(continuação)

O largo do Tournal é o logar de distincção em Guimarães, e nos dias de feira, com os seus estabelecimentos agitados, por uma freguezia miuda e cantadôra, tem um aspecto de festa, formigado de povo, cheio de cor, largamente marcado de caracter minhoto.

Os primeiros forasteiros d'este largo são os parocos d'aldeia, barbeados e bem almoçados, que trazem atraz de si, de pau de freixo resolutamente lançado em frente, uma coorte de paroquianos a recomendar pelas repartições publicas, pelos armadores de igreja, pelos cereiros, no quartel, no correio e aos chefes politicos.

O paroco é o advogado d'aldeia, e assim, aos que vendem ou compram terras ele consulta as cizas na recebedoria; aos que pagam contribuições, revista os cadernos ou apresenta as peçoões para desdobraimento; aos que trazem demanda por aguas ou processo por obra de caridade de varapav, informa-se dos elementos das partes, ouve o advogado, molha os dedos ao official de diligencias e empenha-se com o juiz. No cerciro, escolhe, de acordo com os mezarios, as vélas de que se faz preciso para uma festividade com Senhor Exposto e Te-Deum a grande instrumental. Faz a exposição dos seus projectos, de harmonia com o orçamento da irmandade, ao armador de igreja, requerendo um arco-cruzeiro com anjos em tamanho natural, com bolas verdes de vidro e um andor em nuvens de algodão em rama para o martyr S. Sebastião. No quartel, vai com o freguez que é pae e requer o filho de licença, por uns dias, para uma ajuda nas colheitas. E quando o proprio prestigio não chega para obter o que se torna necessario aos seus paroquianos na recebedoria, na fazenda, nos cartorios, na camara, no quartel e no tribunal, o paroco faz tento aos homens sorrindo, para lhes tranquilizar o espirito, e recorre então ao chefe politico a quem entregara os seus votos no ultimo acto eleitoral, procurando-o em casa e abraçando-o efusivamente logo que entra e quando sai, ellas muito incerto nos costumes da sociedade...

Destas caminhadas do paroco em dia de feira resultam, em geral, uma série de operações cambjaes em frangos, que são a corda de açucenas do martyrio da consideração publica na provincia. O freguez envia uma duzia de frangos ao abade; d'esses, o abade transfere meia duzia para casa do politico; e esta, por sua vez, convida o juiz, em dia apropriado, para ambos os comerem com arroz.

A feira da louça, no terreiro dos franciscanos, não sendo da importancia das feiras de Barcelos e Prado, é, todavia, uma das mais completas da provincia do Minho, não só pelo numero de exemplares, como ainda pela diversidade dos modelos.

Toda a louça minhota, de barro vermelho e negro, com tipo e desenho regionaes — sobretudo os modelos — apparece aqui em grande quantidade, e é com ela que a mulher camponia, inveterada de usos e pouco susceptivel de maior discernimento ou capacidade economica, supre todas as necessidades do arranjo urbano da cozinha, ficando obrigada a substitui-la tantas vezes quantos os desastres a que está sujeito, segundo a natureza da sua fragilidade, este mobiliario essencialmente quebradiço, embora barato.

Espalham-se no relvêdo, pelo terreiro fóra, todos os modelos de alguidares, inclusivé os de arroz no fórno, dos cantaros, das panelas e das cabaças, das pingadeiras, das malgas, dos potes, das chocolaterias, dos purrões, das infusas, dos copos, dos açadões, dos fogareiros, dos têtos, dos muringues, dos castiçoes das caçoulas — cujas decorações sugerem iguaes fructos das louças neolithicas, da ceramica gaulleza e ainda de varias estações do norte do nosso paiz, e em especial de Briteiros. Em grupo isolado vêm as louças infantis, da mesma pasta e desenho dos grandes modelos, tais como o malheiro, os paliteiros, a sardañisca, os assobios, os pifanos, os rouxiços, o galo, a cabra, o cágado, a aligeiraço sapato, a junta de bois, o musico, o astrologo, o tocador de guitarra e o monarcha a cavallo. Por fim, num recanto mais proximo da vendedeira e defezo ás pancadas e á esperteza dos garotos, agrupam-se os santos patriarcales de junho, Santo Antonio, S. João e S. Pedro: á mistura, algum Menino Jesus; e envolta e em massa, uns tombados, outros de olhos muito pretos fixando a freguesia, os pastores, as lavradeiras, o homem da bilha, o tocador da sanfona, os grupos em dança, o cego mendigo, a mulher dos queijos, o juiz da festividade, o pescadão, o rei David, a vendedeira da azeitona, a castanheira, o prete raspando as cânas, as ovelhas do rebanho, o sacristão, o moleiro, o burro atalegado — como os modelam e pintam, á sua interessantissima feição, os baristas populares de Vila Nova de Gaia.

No meio da escolha, do experimentar dos toques, do agrupar das peças e do levantar dos açafates, a feira da louça vermelha de Guimarães, toda alastrada no tapete fresco do terreiro enrelvado, é um dos mais alegres e originaes quadros do mercado semanal.

Alfredo Guimarães.

(Continua)

V. Ex.<sup>as</sup> só encontram roupas brancas para senhora e creança, a preços sem competencia, na Casa Martins,

«ATLANTICA»

Delegação em Guimarães: Cargo do Dr. Sidónio Paes.

## Vocação á Penha

(Aos Peregrinos)

Subir... subir... subir... diz-nos o guia — O caminho é escabroso... e a nostalgia invade logo os nossos corações, E, fitando-se os olhos lá... na Penha, A Esperança desanilha e se despenha, Como um astro cadente de illusões.

E' que o monte é tão alto e tão deserto!... — Mas... se mais alto é fica mais perto Para elevar nossa alma até aos ceus! E, assim, é mais doce a caminhada A' montanha, que foi santificada Pelo Ermita que foi fiel a Deus.

E lá sorve-se a haustos de ambrosia A luz do sol, o ar e a alegria D'esse immenso e balsâmico horizonte!... — Onde se vê campinas aos milhares, E povos, presbyterios e solares, Lustrados pelo Mar, ao longo... e em frente.

E essas grutas santas de granito São a barra, o caminho do infinito... Saudosa barra... unglida de virtude. E se a virgem do Carmo faz milagres, E' lá Porto de Esperança como em Sagres, — E' caminhar a pé... que dá saúde.

Diz alguém que succumbe de cansaço, Cabe o suor do rosto, passo a passo, Caminhando-se a pé, sempre... a subir... — Não cança quem adora o Sanctuario, Mais escabroso e alto era o Calvario. E Christo caminhou, sempre... a sorrir!...

E lá, não o animava a luz da Aurora Nem os hymnos á Virgem; pois que fóra Entre algózes, de noite, e moribundo! — E levava nos hombros delicados A Cruz com todo o peso dos peccados, Dos peccados todos d'este mundo!

BRAULIO CALDAS.

Setembro, 1900.

## José Luiz de Pina

Foi ha dias exonerado do cargo de Reitor do Lyceu Central Martins Sarmiento, o nosso presado conterraneo e amigo Sr. José Luiz de Pina.

Caracter de eleição, alma generosa e franca, artista de elevados meritos e professor abalizado e competentissimo, tem em todos os vimaranenses um culto bem merecido e justo.

Quem, como nós, passou pelas bancadas do Lyceu, em tempos saudosos e que para sempre passaram, é que pode avaliar a irreparavel falta que aos academicos fará José de Pina, que não se limitando a ser só um professor amigo e um reitor complacente, era incontestavelmente, e acima de tudo, o protector e o pae, de sorriso nos labios e de coração aberto para todas as faltas e loucuras que as mocidades travessas e inquietas sempre praticam.

Era a pérola do Lyceu de Guimarães.

Eis porque lamentamos a sua retirada, enviando-lhe d'aqui, muito leal e sinceramente, os nossos cumprimentos e as nossas homenagens.



**Deixar correr... deixar correr...**

A proposito do garotio cavar buracos e despedaçar arbustos no Largo do Trovador, perguntava ha muito tempo o solicito correspondente d'esta cidade para *O Debate*:

«Qual será a tarefa dos snrs. zeladores municipaes?»

Ahi vae a resposta:

A tarefa, illustre correspondente, pelo que se vê e constantemente observa, é no fim do mez irem receber o ordenado, o que já não é pouco, n'estes malditos tempos, em que todos querem ser ricos á força e alguns snrs. sapateiros nos levam uma exorbitancia por umas simples meias solas... de papelão.

Ora sendo assim, como realmente assim é, como podem os zeladores andar por ahi, para traz e para deante, a fazer o serviço que lhes compete?

Impossivel!

E' deixar correr e não fazer caso.

Não é facil impedir que os garotos andem por ahi a jogar a pedrada, assim como não é facil prohibir que os cevados, as galinhas, os perús e de mais bicharia continuem a pastar por essas ruas fora.

Pedir providencias?

Mas pedir a quem, se ninguem faz caso nem liga a minima consideração ás justas reclamações da imprensa?

Pedir providencias, como se isso não fóra perder o tempo e o feito.

Seria prégar no deserto.

E tanto isso é assim, tanto isso é verdade, que ainda até hoje não foram tomadas quaisquer providencias a respeito da pobre Rosalina—a Verrumas—que ha mais de trez mezes fixou residencia á porta da igreja da Misericordia e a quem o rapazio faz trinta mil arreliaes e constantemente maltrata.

Lá está, ha mais do trez mezes, ao relento e quasi nua!...

Ella lá está a dar pasto aos parasitas e á irrisão dos aguardentados noctivagos!

E assim se permite, alli, aquella pobre mulher, aquella desgraçada, aquella farrapo humano, alli, na mais movimentada rua da nossa terra!

Alli, mesmo no rosto do snr. administrador, alli, nas faces da policia; alli, nas bochechas de toda a gente!...

Que doloroso espectáculo!

Que tristeza!... Que desleixo!... E, sobretudo, que censuravel indiferença pela miseria alheia!

Ella lá está, a pobre louca, á espera que appareça uma boa alma ou surja uma auctoridade caritativa que se compadeça d'aquella miseria e a faça internar num manicomio ou n'uma casa de beneficencia!

Pobre Rosalina! O que tu tens de esperar, desditosa creatura!

Pedir providencias!...

Mas a quem, repetimos, se ninguem nos attende e escuta?!...

E a linguagem despejada que se ouve por ahi a todos os momentos e a qualquer hora do dia!...

Ai! que nauseas!...

E os taes descantes que de noite somos obrigados a ouvir aos libertinos, aos sujos e repugnantes trovadores de bordel!...

Ai! que typos tão miseraveis e tão insolentes!

E não haver um snr. administrador que faça pôr cõbo a tanta immoralidade, a tão infame baixeza!

E não haver—Santo Deus!—uma catana policial ou um bom marmeleiro que lhes ponha aquelle lombo n'um feixe!

Que lhes desse sem dó nem piedade, pois compaixão não merecem os que emporcalham e infamam a nossa terra.

Pedir providencias!

Deixar correr... deixar correr... Tapemos os ouvidos e deixemos que Baccho se espoje á vontade.

Não tenhamos, nós, a bem intencionada pretenção de querer endireitar o garotio, nem os chulos, os nauseabundos e miseraveis frequentadores de lupanares.

Deixar correr... deixar correr...

**Como devemos fabricar os vinhos verdes**

O mosto do vinho abandonado a si mesmo apresenta no fim d'algum tempo uma efervescencia em toda a sua massa: eleva-se a temperatura, o assucar desaparece á medida que o alcool se forma e uma quantidade abundante de gaz carbonico irrompe á superficie da massa liquida.

Esta modificação que se está operando no mosto, e que se chama fermentação é devida a microorganismos que, povoam o liquido transformando o assucar da uva em alcool e gaz carbonico.

São diversos estes microorganismos que trabalham o mosto preponderando com tudo no principio da fermentação, um fermento chamado *apicolatus*, que visto ao microscopio apresenta o feitio de um limão, cedendo este fermento o lugar a um outro ilítico (*ellipsoideus*) que vai povoando cada vez mais amassa liquida podendo dizer-se que do terceiro dia em diante é este segundo que toma conta da fermentação.

O fermento *ellipsoideus*, é mais benéfico que o primeiro produzindo mais alcool e vinho de melhor qualidade.

Ha toda a vantagem portanto, em tanto quanto possivel, conseguir-se que seja este segundo que prepondera desde o inicio da fermentação.

Bem facil é de conseguir este resultado.

Se no mosto recentemente obtido, for semeado um mosto com 3 dias já de fermentação, temos a certeza de incorporarmos no liquido novo, uma grandissima quantidade de fermento *ellipsoideus*, que tomará conta da fermentação desde o seu começo.

Por outro lado está demonstrado que o fermento dum determinado fruto, semeado em outro liquido proveniente de outro fruto, leva para esse novo liquido qualidades de sabor e aroma do seu fruto de origem.

Se fizermos fermentar o figo com mosto de vinho, a aguardente resultante apresentará as qualidades muito aproximadas, da boa aguardente de vinho perdendo por completo o sabor do figo.

Desta exposição concluímos dois factos essenciaes para a pratica:

1.º Se immediatamente na piza das uvas nos lagares, se lhe incorporar mosto com 3 dias já de fermentação; o mosto do lugar inicia immediatamente a sua fermentação com o melhor fermento.

2.º Se este mosto fermento, chamemos-lhe assim, tiver sido obtido de castas d'uvas da melhor qualidade, saborozas, aromaticas ate a lagarada apresentará pronunciadamente estas qualidades.

De modo que teremos assim vinho de maior gradação alcoolica e de qualidade superior.

O mosto fermento prepara-se, portanto, 4 dias antes da sua applicação escolhendo as uvas das melhores castas, n'uma proporção tal, que de 3 ou 4 almudes para um lagar de 5 pipas.

E esta quantidade minima podendo-se elevar com vantagem até um almude por pipa.

Nem sempre é facil obter-se uma porção tão grande de mosto fermento, mas pode fazer-se a multiplicação fabricando uma pequena porção do mosto fermento 7 dias antes, e ao fim de 4 dias acrescentar-lhe mosto fresco na

proporção de 4 ou 5 vezes mais, podendo ser empregado 3 dias depois.

Devo dizer que o fermento acetico, isto é o fermento que produz o vinagre, se encontra tambem no mosto produzindo uma ação benéfica, se trabalha muito pouco e malefica se trabalha muito. Vejamos como se pode regular a ação deste fermento.

Se o mosto tem a temperatura de 21 a 22 graus centigrados o fermento *ellipsoideus* tem a maxima atividade e o fermento vinagre uma atividade minima.

Se o mosto apresenta uma temperatura de 40º a 42º o fermento vinagre tem atividade maxima e minima o fermento vinico.

D'aqui conclue-se:

1.º Quanto mais baixa for a temperatura em que se realize a fermentação melhor vinho se obterá. D'aqui a vantagem dos lagares de pedra.

2.º Como a temperatura do chapeu é sempre mais elevada que a do liquido subjacente, para que neste chapeu se não esteja a produzir vinagre, é indispensavel mergulhar-o no liquido mais frio ou sangrar o lagar e regal-o com este liquido a fim de o refrescar. Este arrefecimento do chapeu deve ser feito 8 vezes em 24 horas, constituindo um facto tão importante, que um amigo meu, que deixou de pensar um pé de lagar, dum dia para o outro, quando o prensou obteve vinagre, tal foi a elevação de temperatura.

Justificando a grande vantagem da fermentação a temperaturas baixas, diremos, que os vinhos do Rheno, tão afamados, fermentam em geral durante 15 dias, a uma temperatura de 15º a 16º tendo-se reconhecido a grande influencia que tem a fragancia as temperaturas baixas da sua fermentação.

Os vicultores que desejem mais detalhes da fermentação do vinho, podem procurar-nos ou consultar um livro «Fabrico e conservação do vinho» onde largamente tratamos este assunto.

Guimarães 13 de Setembro.

João da Mota Prego.

**Associação Commercial**

**Saude Publica**

Da Presidencia do Ministerio, foi expedido no dia 19 o seguinte telegrama em resposta ao officio d'aquella Associação:

«Dr. Eduardo Almeida—Presidente Associação Commercial—Guimarães.—Presidente Ministerio recebeu exposição V. Ex.ª sobre situação afflictiva saude publica Guimarães recomendou assunto Ministro Trabalho por cuja pasta correm assuntos saude.—Chefe Gabinete Presidencia, Alberto Xavier.»

Imediatamente á recepção d'este telegramma, foram expedidos outros pela Associação Commercial:

«Dr. Alberto Xavier—Chefe Gabinete Presidencia Ministerio Lisboa.—Agradecendo telegrama V. Ex.ª pedimos transmita nosso reconhecimento Ex.ª Presidente Ministerio e renovação nosso pedido inste e auxilie rapida solução assunto.»

«Ex.ª Ministro Trabalho.—Associação Commercial Guimarães apela V. Ex.ª pedindo urgente concessão subsidio solicitado intermedio Presidente Ministerio para saude publica gravemente ameaçada.»

**Novas cedulas**

Por ser de interesse geral torna-se publico que esta Associação, em resposta a um officio de 9 do corrente, recebeu do Ministerio das Finanças a communicação—«que nos principios de Outubro serão postas novas cedulas em circulação e recolhidas as que estão actualmente em uso».



**Anniversarios**

Durante esta semana fazem anos as Ex.ªs Snr.ªs:

- 23—D. Julieta Fernandes de Freitas.
- 25—D. Maria de Belem Correia.

E os Snrs.:

- 21—José Teixeira dos Santos.
- 22—Sebastião Teixeira d'Aguiar.
- 25—Alvaro Ribeiro de Faria.
- 28—José Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

—Parabens.

**Partidas e Chegadas**

Regressou da Povoia de Varzim, o Snr. Tenente Januario Lopes de Souza.

Com sua Ex.ª familia, partiu para a sua vivenda de Lage (Urgezes) o Snr. Mario Leite, industrial desta cidade.

Devem regressar hoje da Povoia de Varzim, os nossos intimos amigos Snrs. Luiz Ribeiro de Faria e Alberto Pereira Dias.

Parte amanhã para a mesma praia o nosso collega da redação, Antonio Faria Martins.

Para Baiona, Caldas das Thaypas, partiu ultimamente, o Snr. Dr. Alfredo Peixoto, distinto clinico vimaranense.

Encontra-se, entre nós a Ex.ª Snr.ª D. Beatriz Ribeiro Marques, prendada filha do nosso amigo, Snr. Manoel Ribeiro Marques, de Santa Leocadia de Briteiros.

De Lisboa vimos nesta cidade tendo já partido para Gondomar o nosso amigo Snr. Manoel Lourenço Marques Guimarães, aluno do Instituto Superior Technico.



**Por Guimarães**

**Peregrinação á Penha**

E' hoje o dia em que movidos pela sua religiosidade e fervor, subirão á ingreme montanha da Penha centenas e centenas de peregrinos, a saudar e a bendizer a milagrosa Virgem de Lourdes!

Nesta hora de infortunios e de crise, em que a desgraça visita tanto lar, é necessario que as nossas supplicas, as nossas orações, se levantem bem alto á implorar-lhe piedade, misericordia e protecção!

A' Penha, pois, catholicos, com a nossa fé tradicional!

A' Penha, vimaranenses! A' Penha pela Religião e pela Patria!

**Administrador do Concelho**

Por ter pedido a demissão de administrador deste concelho, o Snr. Gaspar Pereira de Magalhães Carvalho, foi investido n'aquelle cargo o Snr. Capitão Luiz Augusto de Pina, desta cidade que já o desempenhou com correcção e probidade.

**Capitão Flôres**

Da Africa—Angola—, onde esteve em commissão durante alguns annos, regressou ha dias a esta cidade, o Snr. Antonio de Quadros Flôres, brioso capitão de Infantaria n.º 20, filho do Snr. General Antonio Emilio de Quadros Flôres.

Os nossos cumprimentos.

**De Lucto**

Pelo fallecimento d'uma sua irmã, occorrido no Porto, está de lucto o Snr. José Marques Coelho, grande benfeitor das casas de caridade vimaranenses.

Estão igualmente de lucto pelo fallecimento d'uma sua irmã, os nossos amigos Snrs. Antonio e Manoel Lopes Martins, considerados negociantes d'esta cidade.

Pelo fallecimento de seu tio, Snr. Jeronymo José da Cunha, occorrido no Pevidem, está tambem de lucto, o Snr. Manoel da Cunha Machado.

A todos os nossos sentidos pesames.

**OS**

**PATRÕES**

Transmitam immediatamente as graves responsabilidades, que a lei acaba de impôr-lhes, sobre os seus

Caixeiros viajantes  
Caixeiros de praça  
Caixeiros de escriptorio  
Cobreadores

Creados de servir  
Operarios de todas as profissões  
E quaesquer outros assalariados

seja qual fór a especie de remuneração

PARA

**“A MUTUAL DO NORTE”**

Sociedade Mutua de Seguros

**ACIDENTES DE TRABALHO**

A ENTIDADE SEGURADORA QUE OFERECE TODAS AS VANTAGENS

Rua Fernandes Thomaz, 372

Telefone 1816  
Telegramas MUTUA NORTE

PORTO

AGENTE EM GUIMARÃES

Jeronymo Ribeiro da Costa Sampato

**CASA PENHORISTA VIMARANENSE**

Fundada em 1880

Rua da Republica, 144

GUIMARÃES

**Seião de Penhores**

Em harmonia com o art.º 1.º do decreto de 1 de Outubro de 1900, faz-se publico que no dia 19 e seguintes do proximo mês de Outubro, se procederá, na sede desta casa á arrematação de todos os objectos que se consideram abandonados por falta de pagamento de juros.

Guimarães, 19 de Setembro de 1919.

Os proprietarios,

Peixoto & Rocha.